

4.1.2. Mértola

ENQUADRAMENTO LOCAL

Mértola situa-se, no interior do Baixo Alentejo, na margem direita do Rio Guadiana e reúne várias épocas históricas, constituindo actualmente, um dos principais destinos turísticos do Alentejo.

Difere de todos os outros graças à sua estrutura, pois abarca vários circuitos que englobam distintos pontos de interesse complementados com outros monumentos importantes, que ilustram a vivência histórica de Mértola. A unir todos estes pontos há um elemento em comum: a relação que os núcleos de visita possuem com o Rio Guadiana.

Tal como se lê nos *Itinerários Arqueológicos do Alentejo e Algarve* (2001; 10) a “*combinação destes factores conferiu a Mértola uma importância histórica que o pequeno burgo actual, esquecido o estatuto que ostentou de cidade pré-romana, de capital de um reino taifa e de primeira sede de cavaleiros da Ordem de Santiago, longinquamente deixa adivinhar.*”

A diversidade histórica é bem visível, mas esta riqueza patrimonial não é valorizada por uma sinalética, que facilite as deslocações do turista na vila, sendo um aspecto que devia ser rapidamente melhorado. Contudo, existem outras lacunas inversamente proporcionais à sua riqueza arqueológica e histórica. De facto o Conjunto Monumental de Mértola, não possui um Centro de Acolhimento e Interpretação. Ora seria de capital importância colocar à disposição do turista um circuito previamente demarcado e com uma exposição geral de todo o conjunto, interligando os vários pontos visitados.

Ora sendo no Património histórico que reside toda a riqueza de Mértola, não basta haver diversidade patrimonial. É necessário que a mesma seja organizada e devidamente promovida com o objectivo de comunicá-la adequadamente ao turista/visitante. Também é indispensável que a população local conheça o seu passado e seja parte integrante de todo o processo de divulgação.



Figuras n.º s 1 e 2: Enquadramento global do Conjunto Monumental de Mértola

Em termos de enquadramento paisagístico o Conjunto encontra-se disperso pela vila, tendo sempre como referência, já anteriormente destacada, as margens do Guadiana, o que nos recorda a forte relação, entre todos os monumentos visitáveis e o rio. Ao longo do itinerário urbano sucedem-se paisagens únicas e urbanas e surpreende a peculiar toponímia das ruas, aspecto tão característico das aldeias, vilas e cidades do Alentejo.



Figura n.º 3: A envolvente do Conjunto Monumental de Mértola.



Figura n.º 4: Enquadramento do Conjunto Monumental de Mértola

Os Acessos

O melhor caminho é o percurso pela Estrada Nacional 122, de Beja a Mértola no sentido Norte – Sul ou com origem em Vila Real de Santo António. Até Mértola, existem sinais indicadores da vila, mas nunca encontramos placas assinalando a existência deste Conjunto Monumental. Ao chegarmos a Mértola, também verificamos a inexistência de sinalética no interior do aglomerado pelo que recorremos ao Posto de Turismo, situado perto do Castelo solicitando informações. A resposta surpreendeu-nos pois o único folheto turístico é o desdobrável dos *Itinerários Arqueológicos do Alentejo e Algarve*, o qual apenas integra informação demasiado sucinta para que qualquer turista possa depreender o valor específico de cada ponto a visitar.

Apesar de todas estas dificuldades iniciámos o percurso com base na brochura supracitada e, com outra, fornecida pelo Posto de Turismo, editado pela Região de Turismo da Planície Dourada.

No que se refere ao percurso pedestre exterior, temos vários pontos a assinalar como dificuldades a ultrapassar, nomeadamente a falta de sinalética, a inexistência de um itinerário estipulado e a incoerência dos horários.



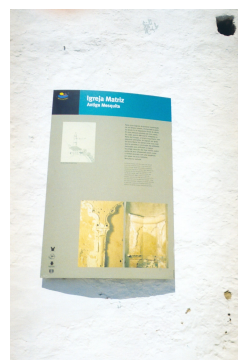
Figuras n.ºs 5,6,7 e 8: A Morfologia do Percurso

Há um inexplicável contraste entre o bom estado dos acessos até à vila de Mértola e a inexistência de sinalética turística e histórica referente ao Conjunto patrimonial, propriamente dito.

AS ESTRUTURAS MUSEOLÓGICAS E O PERCURSO

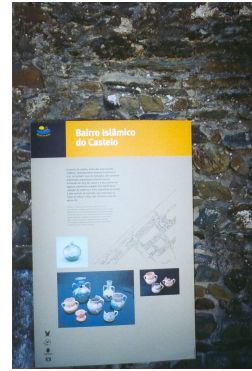
No percurso da visita a Mértola assinalamos todas as estruturas que visitámos registando os seus aspectos positivos e negativos.

O primeiro ponto de paragem foi a Mesquita, também denominada como Ermida de São Sebastião onde nos deparámos com um primeiro problema: o condicionamento das visitas a estruturas abrangidas neste conjunto. Este problema não é específico de Mértola mas tipicamente português. Assim ao chegarmos à Mesquita encontrámos a mesma encerrada, ou seja, tivemos que nos contentar com as imagens de algumas brochuras que adquirimos no Posto de Turismo. Posteriormente fomos informados que na altura da nossa visita, Setembro de 2005, não existia uma rececionista disponível na Mesquita a tempo inteiro. Actualmente esta situação já se encontra resolvida tendo sido contratada uma pessoa para desempenhar funções de recepção e atendimento aos visitantes.



Figuras n.º 9 e 10: A Mesquita e a correspondente sinalética.

De seguida, deslocámo-nos para o Castelo, detentor de inúmeros vestígios islâmicos. De acordo com a brochura que nos foi facultada pelo Posto de Turismo, ficámos a saber que a sua “*edificação data de finais do século XIII, numa altura em que Mértola era sede nacional da Ordem de Santiago*” (Câmara Municipal de Mértola: 1997; 7). O Castelo, classificado como Monumento Nacional, engloba uma Torre de Menagem e uma cisterna, que em tempos, foi abrigo para os habitantes de alcáçova na época muçulmana. Outro aspecto importante é a paisagem envolvente e o próprio enquadramento que o Castelo e a Ermida possuem.



Figuras n.º s 11 e 12: O Castelo e a correspondente sinalética.

Efectivamente são viáveis de qualquer ponto da vila marcando a paisagem urbana. Por outro lado avista-se o Rio Guadiana sendo possível contemplar os desenhos morfológicos em que o rio se desdobra na paisagem pela zona de Mértola.



Figuras n.º s 13 e 14: Visibilidade da Mesquita e Enquadramento do Castelo

O próximo ponto de visita seria a Forja do Ferreiro, se o mesmo núcleo de visita também não se encontrasse encerrado.



Figuras n.º s 15 e 16: A Forja do Ferreiro

Descendo a rua Dr. António José de Almeida, no fim, à nossa esquerda, encontra-se um edifício onde o antigo e o moderno contracenam – o Museu Islâmico.

Apesar de possuir infra-estruturas modernas, estas são inadequadas uma vez que não possuem meios específicos para turistas de mobilidade reduzida. Ao entrarmos na sala de exposição, depois de termos adquirido o ingresso e de ficarmos a saber que não existe uma brochura ou um leaflet com informação resumida sobre o museu, observámos uma exposição bem organizada e documentada, onde os meios divulgativos se encontram bem escolhidos, apelando e captando o interesse do turista, promovendo deste modo o conhecimento aprofundado da época islâmica.



Figura n.º 17: Acesso ao Museu Islâmico

Como outros aspectos positivos referimos:

- a luz utilizada nos diversos compartimentos;
- os materiais expositivos (grandes placardes com imagens elucidativas dos vestígios islâmicos), de fácil limpeza e manutenção;

- a simplicidade da exposição que facilita a percepção;
- a utilização de maquetes, de forma a ilustrar a presença islâmica na actual vila;
- a cartografia devidamente identificada de vestígios encontrados pelo Campo Arqueológico de Mértola, durante as pesquisas arqueológicas;
- o recurso a novas tecnologias, como por exemplo, um mecanismo auditivo, através do qual o turista/visitante tem a oportunidade de ouvir termos islâmicos e interligá-los com os actuais, constatando assim que existem vocábulos da língua portuguesa com origem islâmica.

No entanto, nem todos os aspectos são positivos. Na nossa perspectiva, é urgente apostar na melhoria dos seguintes pontos:

- a organização e distribuição de numerosas peças arqueológicas e históricas, que se encontram expostas, numa vitrine hermética demasiado pequena;
- a dificuldade de leitura das legendas correspondentes ao material anteriormente referido, devido à dimensão, tipo e cor de letra escolhida;
- a dificuldade sentida em interligar o objecto observado com a sua utilidade principal;
- a pouca comunicação com o recepcionista do museu e a escassa transmissão de conhecimentos.

É essencial que numa exposição se tenham em atenção as seguintes características:

- o texto, as cores e a iluminação referente ao material apresentado no museu;
- os diversos níveis de informação;
- e os suportes utilizados para expor os materiais descobertos referentes à época islâmica.

No caso específico do Museu Islâmico destacam-se os seguintes aspectos:

TEXTO	Mensagem	Texto comprido, confuso e pouco conciso. Com letra de tamanho reduzido.
	Cor	Preto, demasiado carregado, com um papel base amarelado, como desgastado pelo tempo.
	Iluminação	Boa.
	Língua	Portuguesa.
NÍVEL DE INFORMAÇÃO¹³		Adultos ou peritos no tema da exposição, devido a imperar o nível B e C.
SUPORTE UTILIZADO		Vitrines herméticas; Maquetas; Placares.

Quadro n.º 25: Avaliação da Exposição Permanente do Museu Islâmico.

Este museu reveste-se de extrema importância, uma vez que testemunha, no território, a presença islâmica pese embora, esteja pouco enquadrado no restante Conjunto Monumental, pelo facto de não existir articulação entre os vários núcleos de visita.

Alguns metros mais abaixo do Museu Islâmico situa-se o Museu da Arte Sacra, no qual assinalámos estas características:

TEXTO	Mensagem	Texto comprido, confuso e pouco conciso. Com letra de tamanho reduzido.
	Cor	Preto, demasiado carregado.
	Iluminação	Reduzida.
	Língua	Portuguesa.
NÍVEL DE INFORMAÇÃO		Peritos no tema da exposição, devido a imperar o nível C.
SUPORTE UTILIZADO		Placas de reduzidas dimensões.

Quadro n.º 26: Avaliação da Exposição Permanente do Museu da Arte Sacra.

¹³ Segundo Alberto Angela (1988: 119-132), existem três níveis de informação, a citar:

- Nível **A**- informação base para a vitrine, com quatro a cinco palavras e o título; este nível é mais direccionado para as crianças;
- Nível **B**- corpo principal de informação, com dados mais importantes; encontra-se direccionada para adultos e visitantes de cultura média não especializada;
- Nível **C**- material informativo mais específico e especializado; situado longe de outros painéis explicativos; caracteres mais pequenos, escuros e densos onde a maioria dos visitantes não os lê. Este nível está direccionado para visitantes que dominam muito bem o tema da exposição que vão visitar.



Figura n.º 18: O Enquadramento do Museu da Arte Sacra (com vista para o rio Guadiana)

Aliás o Museu foi acondicionado numa estrutura, sobre a qual nos atreveríamos a opinar que não é nada adequada nem para visitas, nem para valorizar o material apresentado. Localizado num dos extremos da vila, na encosta, com uma vista espectacular para o Guadiana, o edifício denuncia alguma degradação fruto de pouca manutenção. Após termos pago a entrada, deparámos com uma entrada extremamente baixa, seguida de umas escadas estreitas. Deste modo o acesso não só é difícil para qualquer tipo de turista como completamente inadequado para um museu aberto ao público, com entrada paga.

Depois de termos ultrapassado este primeiro “*obstáculo*” e constatado, na improvisada recepção, o desinteresse da recepcionista em nos acompanhar, observámos no interior uma panóplia de esculturas e pinturas ligadas à Arte Sacra, com legendas de pequena dimensão, pelo que nos foi imensamente difícil percebermos algo sobre a exposição.



Figura n.º 19: O acesso ao Museu de Arte Sacra.

Comparativamente com o Museu Islâmico o de Arte Sacra poucas estruturas detêm de forma a atrair e enquadrar o turista/visitante na Arte Sacra de Mértola. O material e os meios expositivos são raríssimos. As esculturas encontram-se espalhadas caoticamente pelas salas pertencentes à casa.

Ao chegarmos à última sala aberta aos turistas/visitantes, descobrimos mosquitos, aranhas e outros insectos, que coabitam neste espaço e testemunham o desleixo a que esta estrutura parece condenada.

Perante todos estes aspectos, ficámos algo chocados com a falta de organização e planificação deste museu, não só pela riqueza do material que encerra e a que não se dá a merecida atenção, mas também porque se encontra inserido num Conjunto Monumental, divulgado nas diversas brochuras da *Vila-Museu* e que, para ser visitado, exige o pagamento do ingresso. Será lícito questionar porque não se encontra este edifício conservado, se o mesmo proporciona receitas próprias?

Depois subimos a rua dos Combatentes da Grande Guerra e fomos visitar o Museu Romano, instalado na cave da Câmara Municipal de Mértola. Mais uma vez a inexistência da sinalética ao longo do percurso do Conjunto Monumental, dificultou a identificação do local do Museu Romano.



Figura n.º 20:Entrada do Museu Romano

Ao entrarmos na Câmara Municipal, dirigimo-nos ao atendimento geral e solicitámos informações. Para nosso espanto, a recepcionista informou-nos que bastaria descermos umas escadas à nossa frente e ligarmos um interruptor que se encontrava à nossa direita. Ao efectuarmos todos estes passos experimentámos dois sentimentos antagónicos: se por um lado ficámos maravilhados graças ao material que se encontrava à nossa frente, por outro lado

incomodava um cheiro intenso. O facto de estar numa cave, com pouca circulação de ar, provocava um odor desagradável mas o que mais nos chocou foi a triste constatação de que uma tão grande riqueza patrimonial estava esquecida, submersa numa cave escura e inerte.



Figura n.º 21: Os acessos internos à Casa Romana.

No que concerne à exposição da Casa Romana apresentamos os seguintes pontos:

TEXTO	Mensagem	Texto comprido, confuso e pouco conciso. Com letra de tamanho reduzido.
	Cor	Preto, demasiado carregado.
	Iluminação	Muito Reduzida.
	Língua	Portuguesa.
NÍVEL DE INFORMAÇÃO		Adultos ou Peritos no tema da exposição, devido a imperar o nível B e C.
SUPORTE UTILIZADO		Placas de reduzidas dimensões; Vitrines herméticas.

Quadro n.º 27: Avaliação da Exposição Permanente do Museu Romano.

Os materiais expositivos e toda a estrutura da exposição são inadequados ao material apresentado, denunciando a ausência do enquadramento histórico da própria Casa Romana.

Seguidamente, continuámos a subir a rua Professor Baptista da Graça e, no Largo Vasco da Gama encontrámos, à nossa direita, a Oficina de Tecelagem, mesmo ao lado da Associação de Defesa do Património de Mértola, a qual também colabora no projecto do Conjunto Monumental de Mértola.

Na visita à Oficina de Tecelagem pudemos verificar o mesmo que nas duas estruturas anteriormente visitadas. O objectivo desta Oficina é importante e essencial para que o turista

possa compreender todos os trabalhos realizados e apresentados nesta vila e para que, simultaneamente, se materialize a importância do papel da população no desenvolvimento social e económico da vila, desde os primórdios até à actualidade.



Figuras n.ºs 22 e 23: A entrada e os Acessos à Oficina de Tecelagem.

Na exposição permanente sublinhamos os seguintes pontos:

TEXTO	Mensagem	Texto confuso e pouco conciso. Com letra de tamanho reduzido.
	Cor	Preto, demasiado carregado.
	Iluminação	Reduzida.
	Língua	Portuguesa.
NÍVEL DE INFORMAÇÃO		Peritos no tema da exposição, devido a imperar o nível C.
SUPORTE UTILIZADO		Placas de reduzidas dimensões.

Quadro n.º 28: Avaliação da Exposição Permanente da Oficina da Tecelagem.

Na Oficina da Tecelagem expõem-se, aleatoriamente, os utensílios utilizados para a preparação da matéria prima e o produto final, como por exemplo, as mantas alentejanas, as samarras, os capotes, as camisolas de lã utilizadas pelos pescadores, os gorros, entre outros artigos. Para além da desorganização da exposição e da estrutura ser pouco adequada para receber todo este material, existe outro aspecto a comentar: a inexistência de legendas noutras línguas para além do português, o que inviabiliza a possibilidade do turista estrangeiro entender o cerne da exposição e não promove a etnografia local.

O último ponto de visita que se encontra aberto ao público, uma vez que o Forum/Alcáçova se encontra encerrado, é a Basilica Paleocristã. Para aí chegar temos que subir uma rua deveras íngreme que desemboca no Largo do Rossio do Carmo.



Figura n.º 24: A Basílica Paleocristã.

Nesta Basílica, localizada perto de uma escola primária, encontramos uma guia interessada e simpática em nos receber. Graças a este interesse, fomos acompanhados durante toda a exposição de forma que entendemos clara e eficazmente toda a história da Basílica sem termos de recorrer às legendas.



Figura n.º 25: Entrada da Basílica Paleocristã.

Esta estrutura possui meios expositivos cuidados e actualizados com o intuito de complementar e enquadrar os objectos achados durante as escavações arqueológicas realizadas, no próprio sítio. Podemos assim observar vestígios *in loco* das colunas da Basílica, os quais estão devidamente diferenciados do restante material apresentado. Especificamente os meios expositivos são:

TEXTO	Mensagem	Texto conciso.
	Cor	Preto.
	Iluminação	Boa.
	Língua	Portuguesa e Inglesa.
NÍVEL DE INFORMAÇÃO		Crianças a Adultos, impera o Nível A e B.
SUPORTE UTILIZADO		Placares; Fotografias dispersas; Musealização <i>in loco</i> .

Quadro n.º 29: Avaliação da Exposição Permanente da Basílica Paleocristã.

Como aspectos positivos definimos os seguintes pontos:

- a boa comunicação do guia;
- o conhecimento global e específico do assunto exposto durante a exposição, por parte do guia;
- os placares dispersos no percurso que elucidam bem o turista durante o percurso;
- a fácil percepção do núcleo visitado, graças aos meios expositivos e às legendas legíveis;
- a boa qualidade das imagens, de forma a enquadrar os objectos expostos fora do seu local inicial.

Relativamente aos aspectos negativos convém referir os seguintes pontos:

- o atendimento do rececionista pouco personalizado (denotou falta de atenção no atendimento inicial transpondo toda a responsabilidade de atendimento para a guia) e totalmente desinteressado;
- a inexistência de qualquer informação turística sobre a Basílica, na sua recepção;
- os acessos pouco sinalizados até à própria Basílica;
- a pouca visibilidade externa do sítio visitado;
- a inexistência de acessos a turistas de mobilidade reduzida.

Neste sítio, tanto como noutros, poderemos afirmar que o essencial para a rápida e eficaz compreensão dos sítios arqueológicos, será a participação activa nas visitas de um guia com formação específica.

INTERVENÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Talvez a maior riqueza deste Conjunto Monumental resida no investimento científico realizado com o objectivo de descobrir o máximo de informação possível sobre as origens e a História da vila de Mértola. Aliás estas pesquisas contaram com a participação activa da população de Mértola.

Este trabalho teve início em 1978 pela *mão* de Serrão Martins (Presidente da Câmara Municipal de Mértola, na altura) e Cláudio Torres (Director do Campo Arqueológico de Mértola), e os seus principais objectivos encontravam-se ligados a vários aspectos, nomeadamente:

- o aprofundamento do conhecimento científico e da investigação arqueológica numa das principais vilas do nosso país detentora de vestígios e testemunhos Islâmicos;
- o desenvolvimento da localidade, em termos de projecção histórica e cultural, com o intuito de atrair o investimento;
- o aumento da qualidade de vida da população;
- a promoção do Património local no exterior e no seio da mesma.

Foi no âmbito de todo este projecto que surgiu o conceito de *Vila Museu*, o qual nos acostumámos a associar Mértola. Devido a todos os achados que foram identificados e devidamente preservados, promoveu-se a nível nacional e internacional, uma localidade alentejana com um prestígio e riqueza histórico e arqueológicos ímpares. Este projecto baseou o seu início e a sua evolução, em quatro grandes etapas, que retratam todo o plano de investigação e posterior publicação dos achados arqueológicos locais.

A primeira etapa teve início em 1978 e terminou em 1986. O projecto de investigação surgiu no decurso de factores sociais e culturais que se viviam, inerentes à Revolução de 1974. Nesta época verificou-se um enorme fluxo de jovens universitários que rumava em direcção às povoações interiores com uma imensa vontade de descobrir e apresentar factos novos: *“em Mértola, o entusiasmo e conhecimentos eram partilhados com a juventude local, e destes dois grupos gradualmente emergiu um germe de uma equipa de investigação”* (Mateus: 2001; 174). Tal facto deu origem à criação de algumas entidades directamente ligadas a este projecto, como a Associação de Defesa do Património Natural e Cultural do Concelho de Mértola (ADPM). Mas, apesar de terem sido formados alguns núcleos museológicos, verificou-se *“a falta de um maior suporte financeiro do que aquele atribuído pela Autarquia nunca permitiu mais do que um trabalho sistemático de recolha de dados científicos.”* (Mateus: 2001; 175) Como forma de resumir esta primeira etapa de todo o projecto, podemos afirmar que apesar da investigação

realizada nos campos arqueológico, histórico, antropológico e até geográfico e biológico, devido à falta de verbas para criar centros de informação capazes de transmitir toda a investigação, este projecto apenas constituiu o início de um importante material de investigação local e de temas para trabalhos de dissertação.

A segunda etapa iniciou-se em 1987 e terminou em 1991. Durante esta fase Portugal entrou para a União Europeia (1986) e, o Campo Arqueológico de Mértola, ficou encarregue de organizar e promover o IV Congresso Internacional de Arqueologia Medieval do Mediterrâneo Ocidental. Este acontecimento veio incrementar o desenvolvimento de infra-estruturas e serviços de apoio necessários para a realização do evento. Como tal, todos os serviços e instalações foram cedidas pela Autarquia, contando com a ajuda dos Fundos Comunitários Europeus e pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Foi neste período que se fortaleceu a investigação em termos de recursos financeiros, bem como, a projecção internacional de todo o projecto.

A terceira etapa, teve início em 1992 e terminou em 1995. Foi uma fase de grandes dificuldades, devido à transição do I para o II Quadro Comunitário de Apoio Europeu, com um processo burocrático moroso quanto à aquisição de espaços museológicos de interesse para a investigação. Mas, apesar de todas estas dificuldades a presença e a participação activa de novos recursos humanos especializados na formação técnica, foram importantes para a continuidade do projecto. Salientamos o contributo da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça, que ainda assume um papel expressivo enquanto impulsionadora da transmissão de conhecimentos no campo histórico e arqueológico, mas também, como entidade que influencia a fixação da população local na vila de Mértola.

Podemos, por conseguinte, verificar que esta etapa teve como principal ponto positivo a aposta local em formar técnicos que investigassem as potencialidades históricas, arqueológicas e culturais, da vila e conseqüentemente, que se tornassem, alguns deles, habitantes do próprio aglomerado.

A quarta e última etapa, de todo este projecto de investigação, teve início em 1996 e terminou a 2001. Nesta mesma fase assistiu-se à organização da estrutura da *Vila Museu* com a ajuda imprescindível do Fundo de Turismo Nacional e da Autarquia, de forma a permitir a abertura de espaços museológicos com objectivos turísticos. Todos estes investimentos fomentaram o Turismo Cultural e desenvolveram as estruturas de apoio inerentes a este tipo de oferta.

Mas, não basta existirem infra-estruturas de apoio e de acolhimento turísticos, relacionados com o Turismo Cultural. É, também, necessário haver, antes de mais, condições de sobrevivência e de bem estar na população receptora. Foi neste aspecto que residiu grande parte do problema da implementação de todo projecto.

Na nossa perspectiva, a grande lacuna foi a forma de comunicação e de marketing que foram implementados para a divulgação do Conjunto Monumental de Mértola. Sendo pois, *“necessárias novas linhas de investigação e interpretativas, de modo a conduzir projectos inovadores – nunca esquecendo que este factor é, sem sombra de dúvida, o elemento mais distintivo num projecto com a estrutura que este apresenta.”* (Mateus: 2001; 178)

É, por conseguinte, imperativo que estudos realizados na *Vila Museu* de Mértola sejam devidamente interpretados, não só pelos turistas (com estruturas de apoio e promoção capazes para tal), mas também reconhecidos pela população local como uma mais valia e factor de desenvolvimento cultural da sua localidade.

O projecto teve sucesso na medida em que serviu *“como um exemplo das possibilidades existentes em termos de desenvolvimento local para estratégias baseadas na herança cultural e patrimonial que podem ser seguidas em outras urbes e territórios.”* (Mateus: 2001; 177) Apesar do sucesso em termos de investigação patrimonial não se pode descurar a importância da geografia e da biologia presentes no ecossistema envolvente de Mértola. Como também, da estruturação de pólos museológicos capazes de transmitir *in loco*, todo o material.

Os Visitantes

Devido à inexistência de um itinerário devidamente delineado baseado neste Conjunto Monumental de Mértola, não foi possível traçar o perfil e os segmentos específicos de visitantes que procuram e se interessam por este tipo de percurso. Nem tão pouco realizar estimativas das visitas anuais devido à falta de informação disponibilizada pelo CAM. Assim em primeira instância é essencial articular em termos de Turismo este percurso, estruturando os meios promocionais, os preçários, os guias/recepcionistas e a sinalética, com o intuito de se constituir um produto facilmente divulgado e atractivo para qualquer tipo de turistas.

Perante todos os aspectos referidos é importante referir que o turista/visitante aceitará pagar um ingresso para visitar o mesmo, mas este percurso terá que aplicar estratégias promocionais adequadas, com o intuito de demonstrar ao turista que o seu ingresso ajuda à revitalização e dinamização do próprio Conjunto.

ANÁLISE SWOT DO CONJUNTO MONUMENTAL DE MÉRTOLA

		MÉRTOLA
Pontos Fortes		
Enquadramento paisagístico (rio/paisagem/toponímia das ruas)		●●●
Importante conjunto patrimonial		●●●
Visibilidade externa no Castelo e Mesquita		●●●
Bons acessos à vila de Mértola		●●

Quadro Avaliativo n.º 13

		MÉRTOLA
Oportunidades		
Melhoria nos Meios Expositivos ao longo dos pontos de interesse		●●●
Espaços livres, públicos e privados, com potencialidades de valorização		●●
Promover a recuperação e a valorização do Património histórico e arqueológico		●●
Crescimento na complementaridade dos circuitos urbanos e culturais e temáticos		●●
Melhoria das acessibilidades e transportes		●●
Realização de Acções Pedagógicas e Educativas com entidades locais		●●

Quadro Avaliativo n.º 14

		MÉRTOLA
Pontos Fracos		
Estruturas de Apoio e Acolhimento ao turista/visitante		◆◆◆
Inexistência na oferta de instalações sanitárias, e infra-estruturas de lazer		◆◆◆
Estruturas de Acolhimento e Interpretação com funcionários profissionais		◆◆
Sinalização deficiente exterior ao Circuito		◆◆◆
Inexistência da sinalética (acessos internos ao conjunto)		◆◆◆
Falta de esquematização territorial do Conjunto Monumental		◆◆◆
Inexistência de Informação Turística em várias línguas (excepto no Castelo e na Basílica)		◆◆◆
Inexistência de Guias (acompanhamento total no Conjunto Monumental)		◆◆◆
Acesso a pessoas com Mobilidade reduzida		◆◆◆

Quadro Avaliativo n.º 15

		MÉRTOLA
Ameaças		
Desorganização do funcionamento dos Horários		◆◆
Falta de estratégias promocionais conjuntas com outro tipo de Património regional		◆◆◆

Quadro Avaliativo n.º 16

A concluir consideramos que o Conjunto Monumental de Mértola não se encontra devidamente organizado e com estruturas complementares de apoio ao visitante. Para este aspecto contribuíram as fraquezas acima mencionadas, designadamente a inexistência de:

- recursos humanos qualificados;

- um circuito devidamente delineado;
- informação turística em outras línguas;
- material promocional específico do Conjunto Monumental.

Perante os aspectos supramencionados ficámos surpreendidos quando analisámos o inquérito preenchido pela entidade (apresentado em anexo) e que o mesmo refere itens que não se encontraram, tais como: a existência de sinalética que auxilia o turista durante o percurso, material promocional nos diversos pontos de atendimento, com produtos de merchandising ao dispor do visitante.

4.2. Rural

4.2.1. Conjunto Arqueológico do Escoural

ENQUADRAMENTO LOCAL

O Conjunto Arqueológico do Escoural está situado no concelho de Évora, mais exactamente entre esta cidade e Montemor-o-Novo e inclui a visita a uma gruta *“constituída por várias salas e galerias que se distribuem por três níveis diferentes”* (IPPAR - Guia do Conjunto Arqueológico do Escoural: 2000), articulando várias épocas: Paleolítico (Médio e Superior), Neolítico e Idade do Cobre. Durante a visita realizada à Gruta do Escoural, com a ajuda imprescindível de um guia, pode-se visualizar diversas gravuras que remontam a 50.000 anos.

Contrariamente a muitos outros sítios arqueológicos este Conjunto possui uma maior projecção a nível nacional e internacional pelo que diversos grupos requisitam os serviços especializados de vários guias turísticos para a realização das visitas.



Figura n.º 26: A envolvente da Gruta do Escoural

O sítio do Escoural foi utilizado, ao longo dos tempos, com várias finalidades. Durante o Paleolítico Superior, vários grupos de caçadores nómadas encontravam refúgio na cavidade,